



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba-Lisboa* — Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM CONFRONTO SIGNIFICATIVO

A França não é de modo nenhum um país ideal, nem como tal podemos apresentá-lo. Não ignoramos que também em França a burguesia explora e as quadras políticas tiranizam. Lá como aqui o operariado asfixia à mingua de liberdade e definha-se à mingua de pão. A política seguida pelos governantes franceses está muito longe de ser sequer tolerável, devendo notar-se até que de quanto havia em França amante da liberdade não resta hoje mais que a alma popular, essa sempre aberta às idéas nobres, em perpetua revolta contra a opressão, em permanente apêgo aos grandes princípios.

Contudo, apesar de deplorável, a administração francesa, posta em confronto com a nossa, tem estado sublimemente simples e ineficaz. A França entrou na guerra, e foi ela, sem dúvida, a nação que mais sofreu com a hecatombe. Uma grande parte do seu território esteve, durante quatro anos, ocupado pelos alemães. A maioria dos seus homens válidos foi pagada à infanda tarefa de matar e retirar, consequentemente, do trabalho útil. As suas culturas foram devastadas em grandes extensões. A sua riqueza silvícola foi arrasada; os seus celeiros, saqueados; o seu gado, abatido e roubado. Além disso, sofreu uma baixa remenda na sua população, os mortos sendo quasi totalmente anti-trabalhadores.

Apesar de tudo, nunca o custo da vida atingiu em França as proporções terríveis que entre nós se verificam hoje. O assombroamento, essa herva daninha que tanto medra nos terrenos pobres, também em França germinou e quiz emmanarhar todo o organismo nacional. Simplesmente, em França o remédio foi rápido, enérgico e eficaz. E a alta dos géneros, que se manifestara com desusada fúria, tornou-se a marcha, deteve-se, estacou. Mais, até: arripou um pouco o caminho feito. Que género de remédio se adoptou nesse país, pátria já de tantas heróicas revoluções, de tantos nobres gestos emancipadores? O remédio, com exclusão duma certa repressão, lá como a fúria, desorientada e estoril, o remédio consistiu principalmente na reorganização de todos os serviços desarranjados, no restabelecimento de todas as engrenagens produtivas que um lustro de guerra tinha emperrado, no recrutamento, para o trabalho necessário, de todas as actividades guerrilhas e capazes de acção. Os campos pisados pelas hordas gasteiras afogou-se a charrua, as povoações bombardeadas saíram do esforço febril, entusiástico, dum povo que procura ressarir-se e cujos intentos não são empecados por aventuras da sorte, fartos de unhas e pobres de vergonha.

Compare-se a situação actual da França com a presente condição do nosso país. Observe-se o caminho que cada uma das nações percorreu. E ver-se há que, estando nós sempre inferiores, cada dia se torna mais esta nossa inferioridade. Os números são duma extraordinária eloquência. Eles dispensam considerações acessórias porque constituem o mais ponderoso dos argumentos. E os números que constam da tabela abaixo dão bem a idea da diferença tremenda que entre nós e a França existe e constantemente se acrece.

Os preços dos géneros em Paris vão vertidos em moeda portuguesa, para maior facilidade de compreensão. Não observámos, é claro, o condicionamento cambial, que nada tinha que ser considerado neste caso.

Artigos	Unidade	PREÇOS				Coeficiente de aumento	
		1913		1920			
		Francia	Portugal	Francia	Portugal	Francia	Portugal
Arroz	Quilo	\$07	\$03	\$26	\$40	3,71	5,00
Arroz	"	\$36	\$44	\$320	\$450	8,88	10,22
Arroz	Portugalia	\$03	\$10	\$09	\$60	3,00	6,00
Arroz	Botas	\$03	\$04	\$09	\$40	3,00	10,00
Arroz	Massas alimenticias	\$07	\$14	\$90	\$140	12,85	10,00
Arroz	Queijo	\$40	\$60	\$280	\$400	7,00	6,66
Arroz	Dúzia	\$12	\$24	\$180	\$240	15,00	10,00
Arroz	Quilo	\$14	\$24	\$180	\$280	8,57	11,66
Arroz	"	\$40	\$80	\$160	\$700	4,00	7,00
Arroz	"	\$40	\$40	\$300	\$500	7,50	12,50
Arroz	Litro	\$24	\$30	\$190	\$450	7,91	15,00
Arroz	"	\$06	\$08	\$50	\$40	8,33	5,00
Arroz	"	\$08	\$10	\$40	\$40	5,00	5,00
Arroz	"	\$05	\$10	\$14	\$50	2,80	5,00
Arroz	Quilo	\$50	\$70	\$240	\$240	4,80	3,42
Arroz	"	\$02	\$02	\$14	\$60	7,00	7,00
Arroz	"	\$11	\$16	\$120	\$160	10,90	10,00
Arroz	Litro	\$07	\$10	\$37	\$120	5,28	12,00
Arroz	1 prato	—	\$06	—	\$120	10,00	20,00
Arroz	1 fato	—	\$12000	—	\$10000	5,50	8,33
Arroz	Botas	—	\$350	—	\$3800	4,00	10,85
Arroz	Média	—	—	—	—	6,00	20,00

Atente-se ainda na circunstância de ser Portugal um país privilegiado, susceptível de bastar-se a si próprio, bastando para ir tirar o que em excesso produzisse por aquilo que o seu território não produzisse. E o que observamos nós? Uma elevação do preço de todas as cousas, uma onda tenebrosa que jámal se detém; o polvoroso, impune e anafado, estendendo os tentáculos e abarcando tudo; a incompetência governamental corando todas as restantes manifestações da nossa penúria; um povo paciente, ao qual, desde que conquistou a categoria de soberano, tem sido dirigidos os maiores golpes, tem sido vitimado das mais indignas torpesas, das mais verborosas burlas.

O petróleo diz-se que na próxima semana subirá novamente de preço, apesar de ter este produto subido há dias, há bem poucos dias, o último aumento. O açúcar rareia. O azeite sobe ainda. A farinha pode deixar-se que seja fornecida ao consumo. Os bons terrenos continuam incultos em mão de proprietários que deles dispõem como senhores absolutos, não tendo em conta alguma os interesses do país. Os efectivos da guarda republicana aumentados, como se o faltassem braços para a lavoura. As cadeias repletas de criaturas honestas. Os verdadeiros criminosos cheios de honrarias. A polícia com atribuições discrecionárias. Uma imprensa sem independência nem honestidade. Um parlamento inferior ao mais baixo dos subúlbos. A fome em toda a parte, avassalando tudo, e ao longe futuro muito negro, depressor, horrífico, que só a aurora rutilante revolta poderá clarear...

MUNICÕES PARA OS FERROVIÁRIOS!

Se é verdade que muitos operários cumpriram já o seu dever, contribuindo materialmente para os ferroviários do Sul e do Norte, há já quasi dois meses em luta com o patrão-Estado, muitos outros trabalhadores manuais e intelectuais há ainda que não corresponderam ao apêlo da U. G. T., que nós é.

Esses estão, porém, ainda a tempo de o fazer, para o que basta dirigirem-se à sede dos respectivos sindicatos, Federações, Unões Locais ou à administração da Batalha.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Amante do frio

Um suestista elegante, que há pouco tempo, com certo apuro literário, se meteu a escrever segredos a toda a gente, queixava-se ontem de frio, participando simultaneamente aos seus leitores que possuía um casaco inglês, de cuja espessura mal poderiam fazer uma idea, nós, os malenquoados. O tempo arrefeceu, de facto, e com isso não fez mais que o seu dever, pois já o mês de Novembro vai de adiante, e o inverno aproxima-se. Todavia, o termómetro não chegou a zero ainda, nem talvez disso se aproxime tam cedo, porque a invernia anunciou-se benigna, e a fiarmo-nos no Borda d'Agua, conservar-se há assim. Os que não possuem confortáveis casacos ingleses, também não sentem grande necessidade deles — porque trabalham e porque Deus dá o frio conforme a roupa. O certo é que a vida está caríssima, mal compreendendo a gente que haja quem, sem ser milionário, possua abafos opulentos, quantos como o hábito da mulher amada, carinhosos como o primeiro beijo que na sua face veludinha se depôs. (Esta tirada, de *tourneur* visivelmente aristocrática, inspirou-na o estilo elegante do suestista a quem esta nota é dedicada). Não menos certo é que o trabalho, o exercício muscular, acelera a circulação sanguínea e afugenta o frio para bem longe. O elegante suestista sentiu frio ontem de tarde e desejou o seu abafio inglês? Pois à mesma hora muitos despiam o casaco, alagados pelo suor que o esforço físico determinava.

Quete ordinária

Queixa-se o sr. Camacho de que estão agora as ruas mal frequentadas, pedadas de gente ordinária e plebeia: peixeiras que levam o desafato até o ponto de andar com a canastra à cabeça, mulheres de tenda, moços de recados... Este aspecto citadino fere profundamente a sensibilidade do sr. Camacho: ele, então, que foi sempre duma elegância petroniana e brumilica...

Velhos processos

Mudanças de governo, mas não significam isso que sofressem transformação os processos governativos, pelo menos no que diz respeito à imprensa, e assim é que continuam alguns jornais sujeitos à censura, outros sendo mesmo apreendidos. A *Monarquia*, por exemplo, foi ainda anteontem vítima das arbitrariedades policiais, sendo impedida de circular. Assim se mostra o sr. Alvaro de Castro um fiel seguidor do caminho trilhado pelo sr. Granjo, de nefasta memória. Vai-se a ver, a *Monarquia* é um jornal que não faz mal a ninguém, lutando pela liberdade de imprensa e ainda pela vida do senhor Dom Duarte II — manias perfeitamente inocentes que estão, quer-nos parecer, ao abrigo de procedimento legal. Só um facto delictuoso, de certa gravidade, pode ser apontado ao órgão integralista: é aquela obstinação com que ele se declara sindicalista, apesar de já aqui lhe termos declarado que o sindicalismo nada tem que ver com reis, nem com padres, nem com a organização social sonhada pela *Monarquia*. Se é esta a causa das perseguições policiais de que vem sendo vítima aquele nosso curioso colega — decididamente, não temos nada que dizer...

Rumores...

Correram ontem rumores de que se premedeia um novo assalto à Batalha, a levar a efeito pela mesma tropicanga que há meses nos veio escangalhar os trastes e que então pretendia mais alguma coisa, como certamente pretende agora: eliminar-nos.

Até ao momento em que fechamos a gazeta nada ocorreu de estranho, o que não quer dizer que não venha a ocorrer qualquer destas coisas...

Estamos, porém, tam tranquilos que os estranhos rumores não nos tiram o sono.

O que for porque...

PORQUE SERÁ?

Azeite a setenta centavos

Um proprietário de Constância, sr. Vicente Temudo, vende azeite à população daquele concelho a \$70 cada litro. Certamente o sr. Temudo não perde dinheiro num género que podia vender todavia a \$500 como fazem muitos comerciantes rapaces. Porém, no tempo presente de corrupção e ganância, o gesto não deixa de merecer admiração daqueles que estão já habituados a ser roubados por toda a gente.

Há tanto ladrão entre os comerciantes que ao aparecer um homem honrado toda a gente se queda admirada.

Choque de comboios

Retiram-se dos escombros 40 cadáveres

BERLIM, 23. — Na estação de Borsnawald, próximo de Marienburg, na Prússia Oriental, houve um choque entre um comboio de carga e um comboio de passageiros, tendo-se até agora retirado dos escombros 40 cadáveres. — *Rádio*.

União dos Sindicatos Operários

Comissão administrativa

Em reunião extraordinária reúne hoje esta comissão, pelo que devem comparecer todos os seus componentes, às 20 horas prefixas.

De como os Armazens Grandela retribuem os seus empregados

(Edificantes elucidações sem sombra de reclame)

Numa breve palestra que há pouco mantivemos com um grupo de caixeiros veio a falar-se da miséria dos ordenados que a numerosa classe dos empregados comerciais presentemente auferem. Citaram-nos casos, citaram-nos números. E como tivéssemos perguntado se não eram superiores as pagas nos grandes estabelecimentos, nessas grandes casas de negócio que contam por dezenas ou centenas o número dos assalariados, e por contos de réis o seu lucro diário, logo pessoa amiga nos elucidou desenganadamente:

— Pelo contrário, meu amigo. As maiores casas são as que mais miseravelmente retribuem quem as serve. Olhe o Grandela, por exemplo!

— Então o Grandela...? Ninguém do grupo lá estava empregado. Mas logo nós formámos tenção de procurar quem, com inteiro conhecimento de causa, nos pudesse informar cabalmente. A ocasião propicia não tardou em apresentar-se, assim sendo que já ontem pudemos ouvir, da boca dum antigo empregado dos Armazens Grandela, informes na verdade edificantes que aqui nós te grato arquivar.

— A modos que os ordenados andam arrastadíssimos, lá no seu estabelecimento...

Ordenados mensais de 60\$00!

O nosso interlocutor esclareceu-nos prontamente:

— Ordenados de morrer de fome, positivamente. A paga oscila entre 60\$ a 75\$00 mensais, para os empregados de balcão.

— Mas isso mal dá para o governo duma casa de família durante uma curta semana!

— A quem você o diz? E contudo, o que acabo de dizer-lhe, por mais inacreditável que pareça, é a fiel expressão da verdade.

— Ordenados de entrada... — aventuremos.

— Qual de entrada? Há empregados com seis, oito e dez anos de casa e não passam de dois mil a dois mil e quinhentos diários.

Citou-nos nomes, apresentou exemplos. E continuou:

— A exploração exerce-se sobre todas as categorias de empregados. O pessoal menor vive na mesma desolada miséria. Os seus salários regulam, pouco mais ou menos, pelos dos caixeiros.

— E o pessoal feminino?

— As empregadas? Ainda pior, como é de supor; 45\$ a 60\$00 por mês. E' como acabei de dizer-lhe. Ao menos, na exploração há equidade: ninguém é poupado a ela. Situações privilegiadas não existem nos Armazens, excluídas, é claro, as dos patrões. Apenas uma meia dúzia de encarregados de secção vme ordenados de 120\$00.

— Uma fatura...

— O pessoal encontra-se a braços com a penúria mais atroz. Muitos dos empregados são chefes de família, casados, com filhos, pessoas a seu cargo, e bem poderá voc' figurar-se a extrema miséria de seus lares...

A fome, a negra fome

— Mas é impossível! — interrompemos nós. — Como pode manter-se uma casa de família com dois, três ou mesmo quatro escudos?

— E' fácil de calcular. A quasi totalidade dos empregados, aqueles que vivem exclusivamente do seu braço, passam fome. Outros há que, para alimentar seus filhos, empenham todos os seus haveres, as próprias camisas até, vindo-se por isso obrigados a dormir no chão, sobre um qualquer montão de farrapos. Posso citar-lhes os nomes de alguns, que vivem nestas afilivas condições.

— A casa Grandela lá, além do ordenado, uma pequena percentagem nas vendas, mas isso quasi nada representa.

CONSELHO JURIDICO da C. G. I.

O advogado do Conselho Jurídico, dr. Sobral de Campos, dará hoje consulta, às 21 horas.

Expediente indigno

Como é do conhecimento dos nossos leitores, encontram-se há longas semanas presos e entregues ao poder militar os nossos camaradas Manuel Ribeiro, Joaquim Francisco, João Maria Major e Casimiro Silva, sem que até hoje se tivesse dito qual o verdadeiro motivo da sua prisão.

O motivo porque os entregaram ao tribunal militar não o dizem as autoridades, mas sabemos-o nós. E' porque o poder militar é muito mais moroso nos seus processos, podendo, embora arbitrariamente, demorar os presos nas cadeias tempos infinitos.

O dr. Ramada Curto tomou a defesa destes camaradas.

Todas estas anomalias se tem passado com o consentimento do governo Granjo. Não queremos ser pessimistas afirmando que este governo queira seguir as pisadas do seu antecessor. E' muito provável que decaia emendar erros que servem apenas para desprestigiar o regime. Mas, enfim, temos assistido a tantas incoerências!

Excluídas as secções, mais favorecidas, de sedas, algodões, lãs e mercador, onde os empregados tiram de 70\$00 a 100\$00 de comissão, veremos que nas secções restantes o que se apura vai de 15\$00 a 30\$00 por mês.

— Um colega meu mostrou-me há dias dez cauletes de penhores. E sei doutros que vão para os armazens sem haverem tomado qualquer alimento.

— Não poderá ser doutra forma, realmente. Com a exiguidade dos proventos, e as inevitáveis despesas de apresentação...

— Oh! quanto a isso... O camarada pode ir ao Grandela e lá encontrará os empregados com certo apuro, engravados, correctos. Aparências, apenas. Os fatos não se conta as escovadas com café que já levaram.

E sob os fatos uns misérrimos farrapos, cheios de remendos.

O estado de espírito do pessoal

— Na secção de provincias — prossegue o nosso entrevistado — que é onde são feitas as expedições, obrigam o pessoal, aos sábados, a trabalhar duas horas extraordinárias, mas nunca essas horas são pagas a dobrar, como aliás na lei se preceitua e nos estabelecimentos industriais se pratica.

— E o pessoal? Não protesta, não se revolta?

— O pessoal está, como deve calcular, profundamente descontente e desgostoso. De vez em quando, um ou outro barafusta, mas tolhe-os o receio de ficarem desempregados. Os chefes, de resto, tratam-nos com sete pedras na mão. E os empregados acabam por calar-se, abstendo-se de exteriorizar a dor que lhes vai na alma.

— E' um mal, isso — comentámos nós. — A exploração patronal está sempre na razão directa da passividade dos operários. Os patrões não dão jamais *sponte sua*. Dão apenas quando se lhes reclama, quando se lhes exige, quando os seus empregados, unidos, activos, conscientes dos seus direitos, lhes reclamam o que em justiça lhes pertence.

— E' assim, de facto. Mas que quer? O condicionamento da casa, as circunstâncias especiais do nosso trabalho geram este estado de espírito do pessoal. Que eu, deixe-me dizer-lhe, recuso-me a acreditar que um estado de coisas tam afilitivo como este que lhe venho descrevendo, possa prolongar-se por muito mais.

O bolo patronal

— Oxalá! Mas o certo é que o patrão se vai entremetendo locupletando com a parte avulvida que aos empregados deixa de dar.

— Quere o amigo saber a importância dos lucros realizados o ano passado pelos Armazens Grandela? Pois completaram a bonita soma de 400 contos, 300 dos quais couberam ao sr. Francisco Grandela, ficando o resto para os outros sócios.

— Os lucros deste ano serão por certo muito maiores. Porque o estabelecimento prospera. A fazenda cada vez é de maior quantidade. Só os ordenados se mantem.

— O pessoal encontra-se numa situação desesperada, a braços com a fome. E a camarada sabe: quando a fome entra pela porta, a virtude sai pela janela. Não duvido que, a prolongar-se semelhante situação, lance mão um ou outro empregado de todos os expedientes que se lhe oferecerem, para se defender da fome e não deixar sucumbir os seus filhos...

Estávamos edificadíssimos. E, por mais nada nos ser necessário saber, despedimos-nos do nosso amigo, que tam completamente nos elucidara sobre o proceder daquele conhecido industrial cuja divisa é «sempre por bom caminho e segue».

Pois siga, siga...

Reincidindo...

Mais uma reunião dissolvida

Por vezes quis o Sindicato Unico da Construção Civil reunir a sua assembléa geral e de todas as vezes o governador civil embirrou — birras de criança — mandando dissolver as reuniões. Resolveu o Sindicato, a fim de evitar dissabores, pedir a respectiva autorização, que lhe foi concedida, há dias e ontem, mais quando a reunião de ontem ia no seu início, a polícia dissolveu-a arbitrariamente. Uma comissão do Sindicato uniu-se ao governador civil para que lhe explicassem o motivo de tal attitude das autoridades, porquanto não se entendia que depois de terem permitido a reunião a proibissem.

Recebeu a comissão um capitão já entrado em anos, regularmente malcriado, que ali se encontrava como comissário de serviço. Quando a comissão invocou, e com razão, a lei de 9 de Maio, o capitão, mal humorado, pouco habituado a argumentar, berrou, berrou, bateu violentamente com o punho sobre a mesa, dizendo que não admitia discussões sobre o governador civil, que os nossos camaradas dizem ter dado permissão para que a assembléa se efectuasse.

Uque tal acham os leitores esta maneira das autoridades discutirem a lei? E que tal é o respeito que por ela tem?

Cada vez nos convencem mais os mandados que não há questões de direito, nem de razão, nem princípios, nem ideias. Para gente que discute o muro, há simplesmente uma questão de força. Estamos suficientemente elucidados...

Trabalhadores: Lede e propaga A BATALHA

AS GREVES

Ferrovieiros do Estado

Nota officiosa

Continuam as negociações com o novo governo, procurando-se solucionar o conflito, dentro dos pontos de vista da última plataforma, devendo em breves dias, se o governo actual continuar no poder, achar-se estabelecido o respectivo accordo.

Nova afirmação faz a Direcção Geral de Transportes sobre as locomotivas do Sul e Sueste, afirmação que é absolutamente inexacta, pois que não se encontram ao serviço mais de 10 locomotivas, e dessas mesmo algumas tem sido avariadas, inutilizando-se-lhes as caldeiras. As reparações a que a mesma nota se refere não tem sido feitas por pessoal militar, mas sim por alguns ferroviários violentamente militarizados, o que é diferente.

Mais uma avaria se produziu num dos únicos barcos que andava ao serviço, o vapor *Algarve*.

Em contraposição às notas dadas pela D. G. T. sobre receitas apuradas com o fim de ludar a opinião pública e até o próprio governo, citaremos estes números duma eloquência esmagadora, que revelam até onde chega a tam anunciada normalização dos serviços, e o resultado que o país e o governo tem colhido da superintendencia militar nos Caminhos de Ferro do Estado:

De 1 de Agosto e 20 de Setembro a rede ferroviária do Sul e Sueste rendeu mil seis centos e vinte e seis contos, cento e cinco escudos e oitenta centavos (1.626.105\$80).

Depois da militarização, desde 1 de Outubro a 20 do corrente, ou seja durante cinquenta dias, tempo igual ao do rendimento anterior, entraram na tesouraria apenas duzentos e noventa e nove contos, setecentos e cinquenta e um escudos e oitenta centavos (299.751\$82).

Vê-se, pois, que o Estado tem perdido, por mero capricho e pela demora na solução da greve, mais de 1.326.353\$98, o que irá aumentando diariamente com a continuação do conflito.

Isto só no Sul e Sueste, porque no Minho e Douro a perda de receitas é também fabulosa.

Acrescentando a isto o enorme dispendio que diariamente se está fazendo com a manutenção das forças militares de ocupação, a importância das avarias e inutilização do material ferroviário, o valor dos roubos diariamente praticados no Sul e Sueste e Minho e Douro e ainda a importância que o Estado terá de dispendir com as indemnizações por extravios e avarias de remessas, teremos que são superiores todos estes prejuizos às importâncias que o Estado dispendiria com as reclamações do pessoal, durante dois anos se as atendessem completamente.

Aqui tem o país factos comprovativos dum descabro económico e financeiro, que desafiamos a Direcção Geral de Transportes a contestá-los.

Por todo o país se está produzindo um movimento de solidariedade das classes operárias, para com os ferroviários, em consequência da nenhuma importância que a tam magna questão do governo anterior ligou, predispõdo-se a irem até onde seja necessário, para que esta situação termine, dada a razão que assiste à classe ferroviária e os incalculáveis prejuizos que está causando ao país.

Assim no-lo confirmam as comunicações que nos chegam de todos os pontos do país, e em especial dos principais centros produtores.

Por sua vez os ferroviários continuam a manter-se firmemente, não se achando dispostos a recuar perante as ameaças militares, razão porque em contrário das notícias dos jornais, o pessoal não fará a sua apresentação amanhã, 25. — *Comité Central dos ferroviários do Estado*.

As esperanças de Esteves

O Comité Central dos Ferroviários do Estado fez distribuir profusamente um manifesto aconselhando a classe a não apresentar-se ao trabalho, sem que as reclamações sejam atendidas na integra, e a desprezar a apresentação do pessoal. Essa data é a de amanhã, quando a derrota dos grevistas. Enganar-se há, todavia, porque estes ainda tem o brio e a dignidade que faltam a muita gente distinguida pelo ministro de missionário.

Os «amarelos»

Escrevem-nos a carta que segue: *Camarada redactor* — A juntar à lista dos *amarelos* ao serviço na Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste temos mais os seguintes na fabrica de bilhetes: Manuel do Nascimento, fabricante; Manuel Rodrigues dos Santos, ajudante de fabricante; e Arthur Rodrigues Faria, ajudante de fabricante. Este ultimo tem um filho, escrevente nos Caminhos de Ferro, que também já requereu há tempos a sua readmissão, aguardando despacho para retomar o lugar. Ainda temos muitos outros que a seu tempo se dirá. — *Leonel Pinto*.

Para identificação dos nossos leitores, devemos dizer, em relação a nota que publicamos ontem sobre o pessoal gráfico ao serviço na tipografia dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, que para dignidade dos gráficos, a maioria está em greve, cumprindo assim o seu dever.

Um delator

Quando há dias o factor Joaquim dos Ramos, ferroviário do Sul e Sueste, pretendia embarcar na estação de Silves, o *amarelo* Cristóvão Fernandes, praticante, que está fazendo de factor, comunicou ao comandante da força ali de serviço que aquele camarada era grevista.

Este militar ameaçou-o de prisão se acaso se não retirasse da gare imediatamente.

Estes *amarelos* não só atraíam um causa justa, que também a eles diz respeito, como igualmente acumulam as funções baixas de delatores.

Outro desmentido

Diariamente nos chegam, de toda a parte, protestos de ferroviários apontados, por camaradas menos dignos, como traidores aos seus deveres de solidariedade. Escreve-nos o telegrafista de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Júlio Correa Mesquita, a desmentir a notícia que alguns *amarelos* lançaram a público, segundo a qual ele teria apresentado requerimento para a sua readmissão ao serviço. Tal facto não é verdadeiro — afirma — pois não só não requereu, como nem mesmo pensa em requerer. São estas as próprias palavras:

«Não fiz, nem farei, requerimento algum para a minha apresentação porque nisso cometeria uma traição à minha classe; só retomarei o serviço quando o meu comité o ordenar e os meus camaradas, sem excepção, tal façam».

Que os ferroviários conscientes meditem essas palavras...

Em Évora

Ferrovieiros em liberdade

Vagão fantasma

Resoluções importantes da U. S. O.

ÉVORA, 21-C. — Do quartel da guarda

